

Flagelo branco, de Athena Farrokhzad: Poesia e exílio

*Elizabeth Ramos*¹
*Juliana Porsani Jarkvist*²

“O escritor ergue uma casa [...]. Para um homem que não tem mais uma terra natal, escrever torna-se um lugar para viver [...].”

T. Adorno
apud Edward Said

A irano-sueca Athena Farrokhzad nasceu em Teerã, em 1983, de onde, ainda criança, fugiu com a família para a Suécia. Cresceu em Gotemburgo e hoje vive em Estocolmo, atuando como poeta, tradutora e professora na escola de criação literária de Biskops-Arnö. Seu posicionamento feminista é percebido pelas alas mais conservadoras do país como radical.

1 Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1999 e 2003, respectivamente), onde é Professora Associada II no Departamento de Letras Germânicas e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura. Em março de 2014, concluiu estágio de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP), onde desenvolveu pesquisa sobre a tradução da obscenidade na comédia shakespeariana. É pesquisadora no campo dos Estudos Shakespearianos e da Tradução (literária e intersemiótica). Nessas áreas, orienta alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado.

2 Doutoranda na Universidade de Södertörn (Suécia), onde desenvolve pesquisa sobre dinâmicas de desenvolvimento rural, gênero e adaptações em modos de vida em Moçambique. Mestre em Geografia Humana (Universidade de Estocolmo) e Bacharel em Relações Internacionais pela UNESP.

Parece apropriado que aqueles que criam arte numa civilização de quase barbárie, que produziu tanta gente sem lar, sejam eles mesmos poetas sem casa e errantes entre as línguas. Excêntricos, arredios, nostálgicos, deliberadamente inoportunos. (George STEINER, apud SAID, 2003, p. 47)

Em 2013, Farrokhzad trouxe a público o longo poema de sua autoria – *Vitsvit* – encenado no palco, aclamado pela crítica e pelos leitores mais progressistas, e também indicado para vários prêmios, inclusive o destacado *Augustpriset*. Ainda desconhecido do leitor brasileiro, o poema foi traduzido para o inglês por Jennifer Hayashida sob o título *White Blight* (“Praga branca”).

Os versos escritos em sueco remetem à dor do processo migratório forçado pela guerra e às marcas deixadas nos membros da família, fazendo emergir, ainda, reflexões acerca do racismo. Na sua construção poética, além do eu lírico, cinco vozes emergem – a mãe otimista, o pai idealista-marxista, o irmão amante de tecnologias, a avó pragmática e o tio – talvez como uma forma de contornar o impedimento revelado por Edward Said no ensaio ‘Entre mundos’: “[...] meu sentimento de dúvida e de deslocamento, de sempre me sentir no lado errado, em um lugar que parecia me escapar assim que eu tentava defini-lo ou descrevê-lo” (SAID, 2003, p. 305).

Assim, na voz dos familiares, a poeta retoma o passado, os horrores por eles sofridos durante a guerra e a alienação diante da nova cultura, cujo acolhimento não apaga o profundo estranhamento diante do desconhecido, construindo uma colagem de diferentes pontos de vista a partir das linhas linguística, cultural, racial e étnica que separam o mundo do refugiado daquele do “dono da casa”. Em apenas duas das páginas de um poema que se estende num volume de setenta páginas o eu lírico se coloca diretamente para o leitor.

Cada uma das vozes é apresentada de forma concisa e precisa, enfatizada pelas repetições (“minha mãe disse...”, “meu pai disse...”, “meu tio disse...”), que reforçam o aspecto contundente do poema como pancadas de um martelo e assim fazem reverberar as experiências de sujeitos afastados da cultura em que nasceram, da língua e do lar que perderam. A experiência da guerra no Irã, o contexto da imigração e a vida no exílio afetam diferentemente cada membro da família, sua relação mútua e com o mundo ao redor. O passado, claramente, segue assombrando o presente com sua violência.

Há experiências sobre as quais não posso escrever aqui. Experiências que revelam violência patriarcal, numa esfera íntima, que me parecem impossíveis de serem descritas a uma audiência predominantemente branca,

pois meu agressor se parece comigo. (Farrokhzad, artigo no jornal sueco *Aftonbladet*, 22/01/2014)

Dessa forma, as experiências que Farrokhzad escolheu para compartilhar constroem o poema e revelam a heterogeneidade extrema e a natureza cambiante da vivência do refugiado, impossível de ser descrita em termos precisos, uma vez que diferentes experiências migratórias se entrelaçam. O resultado é um texto em que a ativista política consegue tratar da desilusão do eu lírico sem cair na armadilha da ira.

Neste sentido, a experiência do refugiado é também a experiência tradutória, na medida em que se trata de um processo de natureza cambiante, migratória, resultante de um deslocamento num constante e infundável adiamento adaptativo. É portanto na *différance* derridiana que o rastro do processo migratório transforma-se e se suplementa.

No texto traduzido, fomos instigadas pelos rastros próprios da poesia do Oriente Médio observados num poema escrito em língua ocidental, o sueco, que traduzimos para o português do Brasil. Deparamo-nos com armadilhas culturais impostas por uma linguagem aparentemente pomposa, por vezes estranha, melodramática e com floreios em excesso quando comparada aos nossos textos literários contemporâneos. Em dado trecho do longo poema, por exemplo, o eu lírico traz a lembrança das reflexões da avó no verso: “E a mãe de minha mãe disse: Uma ferida na aurora, quando a noite insone impõe / uma escuridão que não pode ser capturada / A sensação dos céus onde descansam outras luas”. No léxico, palavras como “serifa” (estrofe 3), embora existentes em português, não são usadas. Metáforas, que compõem praticamente todo o poema, impõem dificuldade na elucidação, dado o nosso desconhecimento de uma situação de guerra num território que não nos é familiar. Esses aspectos dificultaram ainda mais a nossa tarefa como tradutoras. No processo, para marcar a grande interseção de línguas e culturas que marcam a construção do poema, decidimos manter alguns rastros da língua sueca traduzindo, por exemplo, *morbror* não apenas como “tio”, mas como “irmão de minha mãe” (*mor* = mãe / *bror* = irmão), e *mormor* (*mor* = mãe / *mor* = mãe) como “mãe de minha mãe” em vez de simplesmente “avó”, ambos antecédidos do possessivo *min* (meu/minha).

Embora as estrofes não sejam numeradas no poema de Farrokhzad, preferimos identificá-las com números no intuito de facilitar a observação das soluções tradutórias por parte do leitor. Grafamos o texto sueco em itálico e deixamos o texto traduzido em negrito.

No quarto verso, encontramos a palavra sueca *bära* (estrofe 4), cujo significado é carregar ou aguentar. No entanto, como usamos a palavra “resistência” para traduzir *motstånd* (para a qual não há outra alternativa), preferimos combiná-la com o verbo “oferecer”. *Permanentas* (estrofe 4): como não temos o verbo em português – do substantivo “permanente”, tornar-se permanente, optamos por “encrustar”.

Traduzimos o verso “Begrav mig där all egendom exproprierats” (estrofe 26) como “Enterre-me onde toda a propriedade tenha sido expropriada”, optando por acrescentar “numa terra sem amos”, no sentido de estabelecer uma relação intertextual com o hino da Internacional Socialista, dada a posição marxista do pai. No verso seguinte, traduzimos a palavra *sötebrödsdagar* (estrofe 26), composta por doce + pão + dias, como “dias felizes”.

O texto traduzido, que aqui apresentamos, é, pois, apenas um fragmento do longo livro-poema *Vitsvit*, que traduzimos como *Flagelo branco*. No formato original, o aspecto visual imediatamente chama a atenção do leitor: os versos são escritos em letras brancas sobre *baxes* pretos, numa clara alusão a uma escrita construída sobre o luto. Ademais, são separados por amplos espaços vazios e irregulares de silêncio, possibilitando ao leitor a reflexão sobre as tensões relacionadas à “perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2008, p. 309).

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p. 46)

A seguir, apresentamos nossa tradução do fragmento do poema *Vitsvit*, trabalho que se reveste de marcante traço intercultural em vista de ser escrito por uma poeta sueca, nascida no Irã, no seio de uma família iraniana, que migrou para a Suécia em razão dos horrores da guerra. O poema leva-nos a refletir não apenas sobre as escolhas tradutórias de ordem linguística, mas, em especial, sobre o flagelo da migração forçada pelos violentos conflitos no mundo contemporâneo.

1

Min mor sa: Jag ska återta det som tillhör mig

Du ska möta döden berövad på språk

Mållös är du kommen, mållös ska du gå

Minha mãe disse: Um dia, recupero o que me pertence

Você afrontará a morte sem ter uma língua

Chegou sem falar, sem falar partirá

2

Min far sa: Jag skrev om bröd och rättvisa

och så länge den utsultne kunde läsa

gjorde mig typsnittet detsamma

Meu pai disse: Eu escrevia sobre o pão e a justiça

Se o faminto conseguisse ler

Pouco importava a fonte da letra

3

Min far sa: Seriferna sticker i mina fingrar

Meu pai disse: As serifas alfinetam-me os dedos

4

Min far sa: Hur mycket motstånd kan människofettet bära

innan piskerappen permanentas

Min far sa: Om du glömmer bort alfabetet

hittar du det på min ryggtavla

Meu pai disse: Quanta resistência pode a carne humana oferecer

Antes de o açoite nela se encrustar?

Meu pai disse: Se você esquecer o alfabeto

Poderá encontrá-lo nas minhas costas

5

Min far sa: Först när du förlåter den som angett dig vet du vad våld vill säga

Meu pai disse: Apenas quando você perdoa aquele que o delatou, poderá compreender o que é a violência

6

Min far sa: Det fanns de som avrättades i gryningen innan sömnen skingrats

Meu pai disse: Havia os que eram executados na alvorada, antes de o sono se dissipar

7

*Min mor sa: Det fanns de som fick betala för kulorna
för att få begrava sina döttrar*

**Minha mãe disse: Havia os que tinham que pagar pelas balas
Para que pudessem enterrar suas filhas**

8

Min mor sa: In i vilken segrares natt slungade denna seger oss

Minha mãe disse: Na noite do vitorioso esta vitória nos lançou

9

*Min far sa: Din morbror fanns med på en kändastrande telefonlinje
Din morbror raffinerade sina liknelser med varje piskerapp*

Meu pai disse: O irmão de sua mãe nos chegava entre os ruídos da linha telefônica

O irmão de sua mãe aprimorava suas fábulas a cada chiado

10

*Min bror sa: Begrav mig inte här
Begrav mig där piskorna är virtuella*

**Meu irmão disse: Não me enterre aqui
Enterre-me onde os açoites sejam virtuais**

11

*Min morbror sa: Allting kommer du att glömma
utom minnet som du alltid kommer att minnas
Jag minns att innan kriget tuggade soldaten med mina tänder
Agitatorn skrek med min bals*

**O irmão de minha mãe disse: Tudo esquecerei
Exceto a memória, que sempre guardarei
do soldado mastigava com os meus dentes
E o rebelde gritava com a minha garganta**

12

*Min morbror sa: För mina sluttande axlars skull
för mitt ständiga leende
För denna stenbögss skull som en gång var mitt hus*

**O irmão de minha mãe disse: Pelos meus ombros curvados
Pelo meu sorriso constante
Por este monte de pedras que um dia foi minha casa**

13

Min morbror sa: Finns det någon pöl där kriget inte tvättat sina blodiga händer

O irmão de minha mãe disse: Existe alguma poça onde a guerra não tenha lavado suas mãos sangrentas

14

Min morbror sa: Det fanns de som avrättades i varje soluppgång

Det fanns de som stannade kvar och såg domsluten verkställas

O irmão de minha mãe disse: Havia os que eram executados a cada nascer do sol

Havia os que ficavam e assistiam à execução das sentenças

15

Min mor sa: Varför åkallar de gud från hustaken

Har de glömt att det var gud som höll i piskan

när deras mödrar torterades

**Minha mãe disse: Por que dos telhados clamam a deus
Esquecendo de que era deus quem segurava o açoite,
quando suas mães eram torturadas?**

16

Min mor sa: Visa mig den som bebor sitt ansikte

så ska jag visa dig den som inget ansikte förtjänar

**Minha mãe disse: Mostre-me aquele que mostra a sua cara
e eu lhe mostrarei aquele que não merece cara alguma**

17

Min bror sa: Jag vill veta vem som förnedrades för min skull

Vilka affiniteter jag gjort mig skyldig till

och vilka repressalier som väntar

**Meu irmão disse: Quero saber quem se humilhou por minha causa
De quem me tornei devedor
E que represálias me esperitam**

18

*Min bror sa: Det finns en slakt som alltid ska pågå för ett tecken ingen kan minnas***Meu irmão disse: Há massacres que sempre ocorrerão por um símbolo de que ninguém se lembra**

19

*Min morbror sa: Vad ska det bli av oss sedan vi utkämpat vår befrielse med samma medel som hållit oss fångna***O irmão de minha mãe disse: O que será de nós depois que tivermos conquistado a liberdade****com os mesmos meios que nos mantiveram cativos**

20

*Min far sa: Kroppar utan klarbet, kroppar utan skugga***Meu pai disse: Corpos sem luz, corpos sem sombra**

21

*Min bror sa: Vanan att knäböja ska ersättas av glädjen att befälla***Meu irmão disse: O costume de ajoelhar-se será substituído pela alegria de comandar**

22

*Min far sa: Det finns ett krig som utspelar sig i innanmätet
Det finns en fiende som störtar fram ur mina händer och läppar***Meu pai disse: Há uma guerra que se trava em minhas entranhas
Há um inimigo que se lança das minhas mãos e dos meus lábios**

23

*Min bror sa: Det finns en feber som eskalerar för varje slag
Det finns en maskin som hamrar i avstängt läge***Meu irmão disse: Há uma febre que aumenta a cada golpe
Há u'a máquina que martela mesmo desligada**

24

*Min far sa: Våldet är ett språk i vilket handen excellerar***Meu pai disse: A violência é uma língua em que a mão se destaca**

25

Min far sa: När vi ger efter förmåga och får efter behov

Min mor sa: När vi ger efter förmåga och får efter behov

Min bror sa: När alla orättvisor och historien själv tar slut

Min mormor sa: När du är lika gammal som jag

Då ska alla orättvisor och historien själv ta slut

Meu pai disse: Quando oferecermos de acordo com o que pudermos e recebermos de acordo com o necessário

Minha mãe disse: Quando oferecermos de acordo com o que pudermos e recebermos de acordo com o necessário

Meu irmão disse: Quando todas as injustiças e a própria história chegarem ao fim

A mãe de minha mãe disse: Quando você ficar velha como eu

Aí, sim, todas as injustiças e a própria história chegarão ao fim

26

Min far sa: Begrav mig inte här

Begrav mig där all egendom exproprierats

Ge mig ingen gravsten, tillägna mig dina sötebrödsdagar

Meu pai disse: Não me enterre aqui

Enterre-me onde toda a propriedade tenha sido expropriada, numa terra sem amos

Não me dê uma lápide, dedique a mim seus dias felizes

27

Min mor sa: Det är bättre att drömma att man är död

än att dö av alla drömmar som uppfinner en

Minha mãe disse: É melhor sonhar que se está morto

Do que morrer dos sonhos que nos inventam

28

Min mormor sa: Begrav mig inte här

Begrav mig där myntan växer längs med bäckarna

Duka en festmåltid, servera min godaste gryta

A mãe de minha mãe disse: Não me enterre aqui

Enterre-me onde cresce a hortelã ao longo dos riachos

Arrume u'a mesa festiva e sirva minha mais saborosa receita de guisado

29

Min morbror sa: Kriget har aldrig tagit slut

Du har bara slutat vara krigets offer

**O irmão de minha mãe disse: A guerra nunca acabou
Você só deixou de ser vítima dela**

30

*Min mor sa: Begrav mig inte här
Begrav mig där civilisationens fernissa flagnat
Spotta ut mitt språk, ge mig mjölken tillbaka*

**Minha mãe disse: Não me enterre aqui
Enterre-me onde o verniz da civilização descascou
Cuspa minha língua, devolva o meu leite.**

Referências bibliográficas

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008.

<https://www.aftonbladet.se/kultur/bokrecensioner/a/1kWGjB/hans-raseri-hyllas-av-danska-rasister>